

# **Diálogos de Léopold Senghor com Gilberto Freyre na construção da Civilização do Universal (1960-1988)**

**Palavras-Chave: Senghor, Freyre, miscigenação**

**Autores:**

**Rael Ribeiro de Carvalho, IFCH – Unicamp**

**Prof. Dr. Aldair Rodrigues (orientador), IFCH – Unicamp**

---

## **INTRODUÇÃO:**

O presente trabalho tem como objetivo analisar as aproximações entre Léopold Sédar Senghor (1906-2001) e Gilberto Freyre (1900-1987), especialmente no que se refere às teorias sobre miscigenação cultural. Acredita-se que o poeta e político senegalês acomodou as ideias do sociólogo brasileiro referentes à mestiçagem com o conceito de Civilização do Universal, formulada pelo teólogo jesuíta francês Teilhard de Chardin (1881-1955).

Gilberto Freyre foi um dos mais influentes pensadores brasileiros do século XX a nível internacional. Influenciado pela antropologia cultural de Franz Boas, Freyre dedicou grande parte de sua carreira intelectual à análise do processo histórico brasileiro, com foco no papel da cultura portuguesa na colonização do Brasil.

Uma de suas teorias principais afirmava que os portugueses tinham uma inclinação natural para a colonização nos trópicos, influenciada pelo longo intercâmbio cultural com os povos árabes que dominaram a península ibérica por séculos. Este paradigma interpretativo, que equilibra os antagonismos entre diferentes grupos, acaba por relativizar a dimensão conflituosa na formação histórica do Brasil.

As obras de Gilberto Freyre, que têm sido objeto de debate na atualidade, exerceram significativa influência sobre diversos estudiosos no Brasil e no exterior, incluindo Léopold Sédar Senghor. Membro fundador do Movimento da Négritude ao lado de Aimé Césaire e Léon Damas e primeiro presidente do Senegal após a independência, Senghor foi um dos principais intelectuais dedicados à reflexão sobre a cultura dos povos negros. O senegalês destacou Casa-grande & Senzala (1933) como uma "obra magistral [...] do grande sociólogo brasileiro Gilberto Freyre" (SENGHOR, 1975, p. 49).

## **METODOLOGIA:**

A metodologia utilizada foi a leitura e comparação de textos de Senghor e Freyre, especialmente na segunda metade do século XX, onde se destacam a atuação política do senegalês e o engajamento do brasileiro com a colonização portuguesa em África. Além disso, foi necessário confrontar a produção de ambos com a historiografia especializada em mestiçagem, negritude, lusotropicalismo, Senghor e Freyre.

Especificamente sobre o poeta senegalês, destaca-se seus discursos proferidos em sua primeira visita oficial ao Brasil, em 1964. Nessa oportunidade, Senghor discursou, dentre outros lugares, na Câmara dos Deputados, na Academia Brasileira de Letras e na Universidade Federal da Bahia, onde recebeu o título de Doutor *Honoris Causa*. Em todos esses momentos abordou a questão da miscigenação e do Brasil como modelo para as nações africanas que almejavam a independência.

Por fim, ressalta-se a compreensão da teoria de Teilhard de Chardin acerca da espécie humana e sua evolução. Nesse sentido, foi fundamental a leitura de *O Fenômeno Humano* (1955), sua maior obra, publicada postumamente.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

Senghor via o Brasil como o país que mais se aproximava da concepção de "Civilização do Universal", teoria desenvolvida pelo jesuíta Teilhard de Chardin (1881-1955). Para Chardin, a humanidade evolui progressivamente em direção ao que ele chamava de Civilização do Universal, uma síntese final da humanidade que busca a convergência das diversidades (SCHOLL, 2021b, pp.112-113). Além disso, Senghor argumentava que a mestiçagem poderia ser a "conciliação" entre colonizador e colonizado (SCHOLL, 2021a, p. 54), refletindo sua visão da mestiçagem como um caminho para superar o racismo globalmente.

Para Chardin, que adota uma perspectiva analítica teleológica, a Humanidade inevitavelmente rumo para um ponto em que será impossível crescer sem a interpenetração de diferentes povos e civilizações (CHARDIN, 1970, p. 276). No entanto, para o padre francês, a socialização seria a realização de cada consciência humana.

Em outras palavras, a verdadeira união/ síntese não confunde, mas diferencia. Dessa forma, esse processo pode ser categorizado como personalizante, pois significa o início da era da pessoa (BETTO, 1997, p. 103). Senghor, por sua vez, não acredita no fim da raça enquanto identidade cultural, pois, na Civilização do Universal, haverá uma "diferença frutífera", sem o estabelecimento de hierarquias raciais, onde cada povo compartilhará a sua parte da totalidade humana (BA, 1973, p. 179).

No que se refere à poesia, o senegalês defende um aspecto revolucionário da literatura negra de expressão francesa: "A sua revolução consiste em quebrar oposições estéreis, mais precisamente em transcender os falsos dilemas: em resolver contradições fecundas, não indo além delas, mas integrando-as" (SENGHOR, 1963, p. 12).

Nesse sentido, a poesia senghoriana é marcada por um certo messianismo, entendendo como seu dever a conscientização do povo negro ao redor do mundo. Senghor muitas vezes a caracteriza como “boa nova”, tradução de “gospel”. Dessa forma, é evidente o compromisso que o poeta assume para si de produzir algo que seja tanto pessoal quanto universal aos negros, notadamente os francófonos, que seria o público imediato de sua escrita. Nas palavras de Sylvia Ba: “O objetivo final de Senghor é a elaboração dos valores da negritude e sua participação na ‘Civilização do Universal’, a convergência panhumana para a qual a humanidade está inclinada” (1973, p. 153).

Um ponto de convergência entre Senghor e Freyre é quanto ao destino das colônias europeias na África. Ambos compartilham ideias reformistas, buscando uma saída negociada entre colonizadores e colonizados (SCHOLL, 2021b, pp. 100-101). Em diversos artigos e discursos, Senghor ressalta os aspectos positivos das colonizações europeias em África, como aponta Mabana (2014, p. 10; SENGHOR, 1964a). Em geral, o argumento senghoriano é que foi por causa disso que houve uma mistura de culturas e raças, algo extremamente positivo nas interpretações senghorianas.

Destaca-se, por sua vez, as afirmações de Senghor sobre o Império Colonial português. Em sua primeira visita ao Brasil, em 1964, apontou, na Câmara dos Deputados, as inúmeras semelhanças entre as colonizações em terras brasileiras e senegalesas: “Suportamos, para nossa infelicidade mas também para o nosso bem, trezentos anos de presença europeia – francesa a maior parte do tempo, mas também inglesa, holandesa e, em primeiro lugar, portuguesa. Somos, é a evidência, étnica e culturalmente negro-africanos, mas recebemos civilizações e sangue os mais diversos, no meio das quais a contribuição francesa, portuguesa, berbere e árabe. Vedes a semelhança de nossas situações” (SENGHOR, 1964a, p. 3).

## **CONCLUSÕES:**

Portanto, Senghor se aproximou das teorias de mestiçagem de Freyre porque elas poderiam ser conciliadas com as ideias de Teilhard de Chardin, uma das principais influências intelectuais do poeta senegalês. Isso se deve ao fato de Senghor articular a teoria do teólogo francês sobre a Civilização do Universal, argumentando que as diversas civilizações se miscigenariam por meio de um processo de simbiose, termo oriundo da Biologia que descreve a interação entre duas espécies distintas (SCHOLL, 2021b, pp.112-113).

Assim como Freyre, Senghor via a miscigenação como uma forma de resolver os conflitos raciais. Além disso, em seu discurso *Lusitanidade e Negritude* (1975), o senegalês argumenta: “É próprio da mestiçagem resolver as contradições não pela violência do confronto, mas pela doçura da simbiose, pela ternura da simbiose. Isso em relação ao passado. O Brasil, ao qual me referirei a seguir, representa já o futuro” (SCHOLL, 2021b, p. 51). Dessa forma, fica evidente que o Brasil seria um modelo de civilização para as nações recém independentes em África.

## **BIBLIOGRAFIA**

- BA, Sylvia Washington. **The concept of negritude in the poetry of Léopold Sédar Senghor**. Princeton, Princeton University Press. 1973.
- BETTO, Frei. **Sinfonia universal. A cosmovisão de Teilhard de Chardin**. São Paulo, Editora Ática, 1997, 2ª ed.
- CHARDIN, Pierre Teilhard de. **O Fenómeno Humano**. Porto, Livraria Tavares Martins, 1970, 3ª ed.
- MABANA, Kahiudi. Léopold Sédar Senghor and the Civilization of the Universal. **Diogenes**. 2014, Vol. 59 (3-4), p. 4-12.
- OLIVEIRA, Waldir Freitas. Leopold Sedar Senghor e a Negritude. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 25-26, 2001, p. 409-419.
- SCHOLL, Camille Johann. Léopold Sédar Senghor em perspectiva: pensamento de um “político-poeta”, da Negritude a Mestiçagem (1945-1960). **Revista Vernáculo**, [S.l.], mar. 2021a.
- SCHOLL, Camille Johann. **Léopold Senghor e a Lusofonia: Entre conceitos, diálogos e recepções (1957-1988)**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, 2021b.
- SENGHOR, Léopold Sédar. Négritude et Civilisation de l'Universel. **Présence Africaine**, 1963, Nouvelle série, No. 46, pp. 8-13.
- SENGHOR, Léopold Sédar. **Discurso proferido na sessão de 23 de setembro de 1964, publicado no DCN de 24 de setembro de 1964, p. 559-560**. Câmara dos Deputados do Brasil, Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação, 1964a, p. 1-5. Disponível em: [https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/visitantes/serie-estrangeira/decada-1960-69/pdf/Leopold%20Senghor\\_230964.pdf](https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/visitantes/serie-estrangeira/decada-1960-69/pdf/Leopold%20Senghor_230964.pdf).
- SENGHOR, Léopold Sédar. Latinite et Négritude. **Présence Africaine**, **Nouvelle série**, 1964b, No. 52, p. 5-13.
- SENGHOR, Léopold Sédar. Problématique de la Négritude. **Présence Africaine**, 1971, p. 3-26.
- SENGHOR, Léopold Sédar. **Lusitanidade e Negritude**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. 1975.